

Cartazes da Revolução de Abril voltam às paredes para celebrar a liberdade

written by O Cidadão | 25 de Abril, 2025



Uma exposição com 60 cartazes resgatados dos muros de Lisboa, produzidos entre o 25 de Abril de 1974 e o “Verão Quente” de 1975, reveladores do poder visual da revolução, foi inaugurada ontem no Centro Cultural de Belém.

Organizada pelo Museu de Arte Contemporânea do Centro Cultural de Belém (MAC/CCB) em colaboração com a empresa de comunicação WPP Portugal, a mostra intitulada “**Cartazes sem Censura**” reflete a diversidade de vozes políticas que emergiram com o fim da censura, sublinha um texto sobre a exposição.

“Mais do que objetos de propaganda, os cartazes são testemunhos visuais de um país em transformação”, salienta o museu sobre as peças gráficas apresentadas, preservadas ao longo de cinco décadas pelo antigo responsável da WPP Portugal

Manuel Maltez, na altura um jovem de 16 anos que se considerava ***“anarquista autodidata”***.



Museu de Arte Contemporânea do Centro Cultural de Belém (MAC/CCB) – FOTO | LUSA

Manuel Maltez recolheu os cartazes das ruas como forma de participar e arquivar a história viva da revolução: ***“A cada esquina, um cartaz novo, a cada conversa, um conceito revolucionário”***, recorda a curadoria, a cargo de Isabel Zuzarte, no texto divulgado pelo museu que agora irá expor dezenas de cartazes com momentos de ***“luta e esperança”***.

O objetivo da exposição ***“Cartazes sem Censura”***, que ficará patente até 28 de setembro no MAC/CCB, é evidenciar o papel da arte gráfica na construção da democracia, sublinha o museu. Na década de 1970, a comunicação política era ***“visceral, urgente e sem filtros”***, e os cartazes, ***“de estética crua e impressos em serigrafia, usavam cores fortes como vermelho, preto e branco, num ‘design’ gráfico que traduzia a energia e urgência”***.

de um tempo em ebulição“.

O ‘design’ gráfico desse período *“refletia a efervescência ideológica da época“*, com cartazes de composições gráficas impactantes, num *“visual muitas vezes bruto e direto, de caráter quase artesanal, fruto da necessidade de produzir rapidamente materiais de mobilização“*.

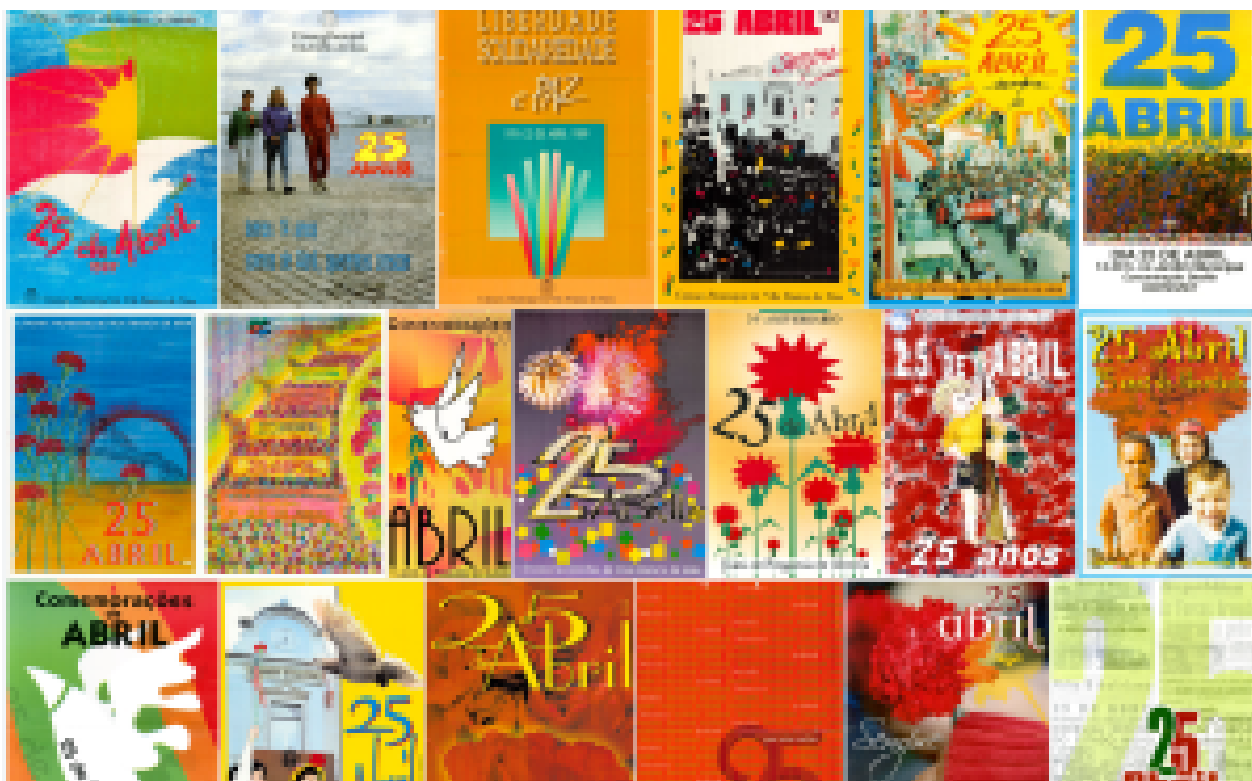


IMAGEM | DIREITOS RESERVADOS

Estes cartazes, cuidadosamente guardados ao longo dos anos por Manuel Maltez, tornaram-se testemunhos de um tempo em ebulição: *“Convocatórias para plenários, manifestações, proclamações de partidos e sindicatos, ‘slogans’ de resistência, convidam-nos a visitar um momento único da nossa História, transportam-nos a um Portugal que descobria a liberdade e a democracia, e oferecem-nos a oportunidade de refletir sobre o papel da liberdade de expressão“*.

“A ditadura tinha deixado para trás um país pobre, atrasado e cinzento, mas a revolução tinha aberto as portas à vontade – individual e coletiva – de andar em frente. Por um lado, vivia-se um Portugal com pouco emprego e poucos meios; por

outro, emergia um povo movido pelas ideias, ansioso por exprimir a sua recém-chegada liberdade de expressão e construir um novo Portugal", aponta ainda a curadoria.

No dia da inauguração da mostra haverá uma conversa pública, às 17:30, no auditório do museu, com a participação de Nuria Enguita (diretora artística do MAC/CCB), Manuel Maltez, o 'designer' Manuel Peres e o artista Miguel Januário.

A moderação ficará a cargo de Francisco Teixeira, atualmente 'country manager' da WPP Portugal.

OC/MP